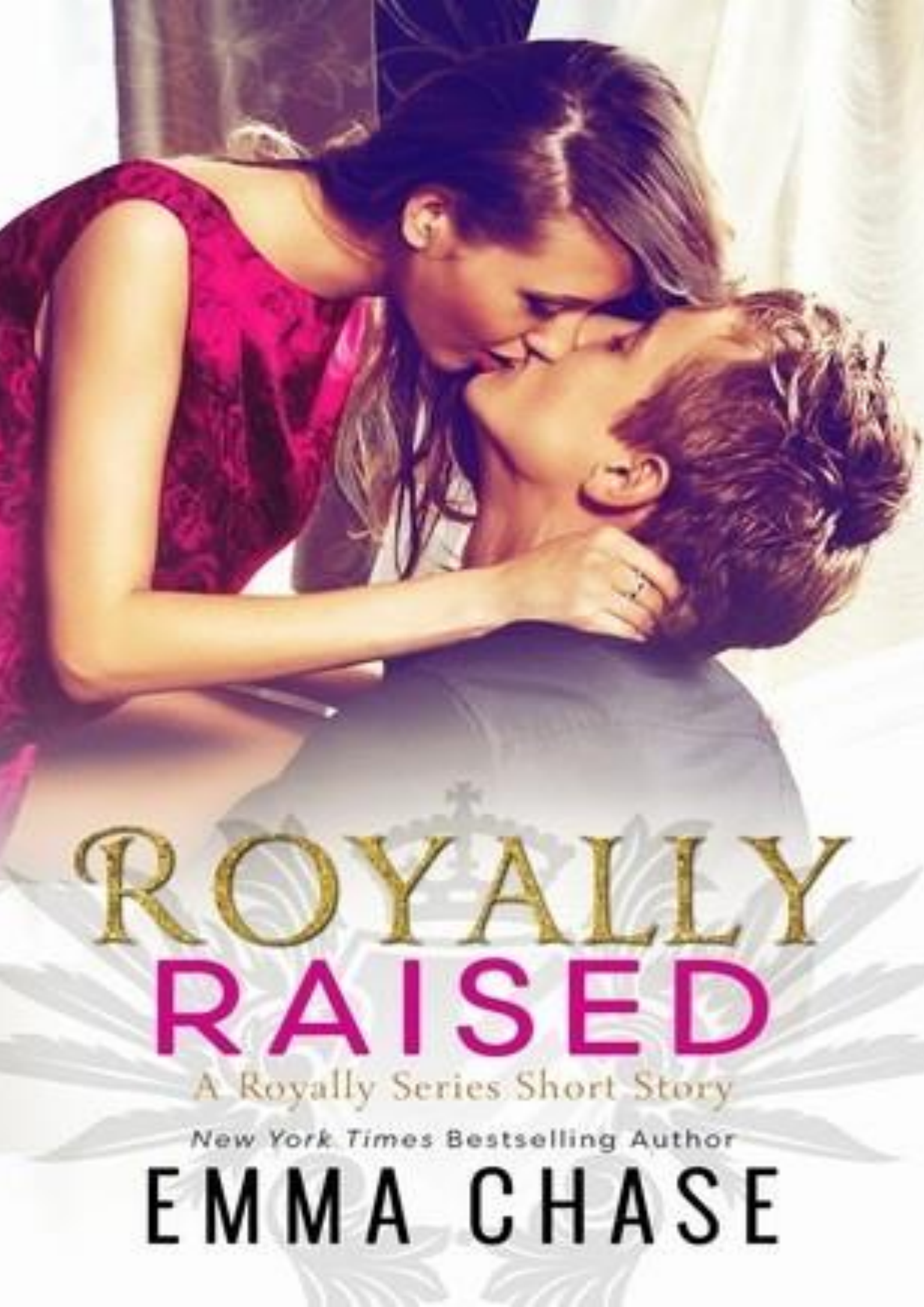


ROYALLY RAISED

A Royally Series Short Story

New York Times Bestselling Author

EMMA CHASE



Sweet
Club Book's

Tradução:

Ane

Revisão e Formatação:

Eva

"Mas ele é a nossa alegria. Todos são. Quando não estão ocupados nos dando enxaquecas."

Rei Henry.

Ninguém disse que criar filhos seria algo fácil... mas criar um futuro monarca? Essa é outra história. Dê uma olhada no eterno final feliz da irresistível realeza de Wessco em Royally Raised, uma história curta, doce, sexy e emocionante, ambientada vinte anos após Royally Matched.

SWEET CLUB BOOK'S



ROYALLY Series

EMMA CHASE



ROYALLY
RAISED
EMMA CHASE

Royally Raised

Henry

"É assustador."

"É impressionante."

"É fascinante. Olhe para ela."

Meu irmão, Nicholas, gesticula para minha filha, Jane, na outra extremidade do reluzente salão dourado. Aos dezenove anos de idade, Jane puxou a Sarah em beleza e compleição— cabelos escuros em cascata, um rosto lindo, longas pernas esguias, brilhantes olhos castanhos com manchas do meu verde. Ela sorri enquanto se mistura com a imprensa em direção ao púlpito para responder perguntas sobre o fundo de bolsas de estudos recém-criado em homenagem à minha avó, a rainha Lenora.

Mas sua personalidade e comportamento são claramente diferentes de Sarah. Ou de mim.

"Ela está pronta, autoconfiante, até mesmo responsável." Nicholas diz enquanto a observa seguir ao púlpito— com queixo erguido, costas retas, a própria personificação de realeza em ação. "Ela não se parece em nada com a gente nesta idade."

"Eu sei." Respondo perplexo. "Cada responsabilidade que lhe dou, cada dever—ela absorve como uma esponja. Ela se alimenta disso."

“Mmm.” Nicolau resmunga. “Todos os seus anos de imprudência, toda a doçura de Sarah, e de alguma forma vocês dois conseguiram dar à luz...”

“Vovó.” Eu termino para ele.

“Sim.”

É a coisa mais estranha.

“No entanto, ela será uma ótima rainha,” sugere Nicholas.

“Ela será.” Dou um aceno de cabeça orgulhoso. Mas então franzo a testa. “É uma droga que já estarei morto para ver isto.”

Meu irmão sorri. “Você poderia se aposentar quando ela for um pouco mais velha. Renuncie. Viva seus anos dourados em uma das propriedades de campo com sua esposa e distante das dores de cabeça da capital e da política.”

Eu balanço a cabeça. “Não, haveria muitas comparações, muitas dúvidas sobre suas escolhas e o que eu teria feito. Não vou fazer isso com ela. Quando Jane assumir o trono será unicamente dela.”

Quando Jane começa a responder a perguntas, voltamos nossa atenção silenciosamente a ela. Até minha cunhada entrar na sala e parar ao lado do meu irmão, usando um vestido vermelho brilhante na altura dos joelhos e saltos de tiras, seu cabelo uma massa de cachos negros selvagens. Mesmo em seus quarenta anos, ela não poderia ser descrita como nada menos que um nocaute completo.

“Ei pessoal.”

“Você está especialmente encantadora, Olive.”

Ela me dá um sorriso brilhante. “Obrigada, Henry. É noite de encontro. Encontro de fim de semana, na verdade.” Ela move a mão para o braço do meu irmão carinhosamente. “Iremos para Cannes e estou ansiosa.” Olivia olha para o rosto de Nicholas e seu

sorriso vacila. “Você não esqueceu, não é? Diga que você não esqueceu, Nicholas.”

Eles viveram a primeira metade do seu casamento nos Estados Unidos—Nova Iorque-com longas visitas frequentes a Wessco. Isso mudou quando vovó ficou doente. E no dia em que fui coroado rei, perguntei—implorei—ao meu irmão que retornasse com sua família para assim, se tornar o meu primeiro conselheiro real. Eu sabia que era pedir demais, mas precisava muito dele. Depois de discutir isso com Olivia, ele concordou e, apesar de terem a sua propriedade, vivem a maior parte do ano em seu apartamento aqui no Palácio.

Nicholas sorri maliciosamente e puxa sua esposa para mais perto abraçando-a pela cintura. “Dois gloriosos dias sozinho com minha esposa deslumbrante? Mesmo que eu fosse senil, jamais esqueceria isso, estive esperando por semanas, minhas malas já estão no carro”.

O sorriso de Olivia retorna com força total. Então, ela olha para a minha filha. “Janey parece ótima lá em cima.” E então, ela resmunga. “Deus, ela me faz lembrar sua avó.”

Esse parece ser o tema do dia.

Nicholas olha para o relógio. “É melhor irmos.” Ele balança a cabeça, batendo no meu braço. “Henry”.

Nenhum deles se curva, nem quero que façam—isso seria muito estranho, mesmo para nós.

“Tenha um bom fim de semana, vocês dois.”

Depois de fazer uma saída silenciosa, cruzo os braços sobre o peito, encosto contra a parede e observo Jane fazendo o que ela faz tão bem.

Até que um repórter começa uma pergunta com “Lady Jane—”

E a minha primogênita o corta—direito nas bolas.

“Princesa.”

“Peço desculpas?” Pergunta o repórter.

Jane solta um suspiro rápido e impaciente. “Eu sou a princesa de Wessco, a legítima herdeira—o que significa que você ao se dirigir a mim será como princesa Jane ou Sua Alteza Real. Talvez, no dia, em que você consiga fazer isso direito, eu serei capaz de responder a sua pergunta.”

Oh garoto.

Ela vira a cabeça em direção ao resto da multidão. “Próximo.”

O mesmo repórter levanta a mão timidamente. “Princesa Jane—”

“Uh-uh,” Jane levanta o dedo, como uma severa professora repreendendo um aluno desobediente. “Não interrompa. Ssshhh quieto.” Ela o dispensa novamente. “Próximo.”

Uma dúzia de memórias da minha adolescência regressa, e eu tremo.

Porra, isso é absolutamente assustador.

* * *

Mais tarde, sentado em minha mesa no escritório real, com a pintura da minha avó orgulhosa e elegante em sua coroa e manto pendurada na parede atrás de mim. Sinto o conforto da sua presença, como se ela ainda estivesse aqui comigo, sempre me protegendo a sua própria maneira. Na verdade, somente após o seu falecimento tive plena consciência para reconhecer e apreciar todo o seu apoio e orientação.

Senti tanto a falta dela—e ainda continuo sentindo.

Há uma batida na porta.

“Entre.”

Minha filha mais velha entreabre a porta. “Você queria me ver, papai?”

Coloco o documento que estava revisando de lado. “Sim, querida. Sente-se.”

Sua calça preta de grife emite um som enquanto ela cruza o escritório, em seguida, senta em uma cadeira a minha frente, cruzando as pernas, o rosto sereno e sorridente.

“Eu queria falar com você sobre a coletiva de imprensa mais cedo.”

“Foi fantástico, não foi?” Os olhos de Jane olham para a pintura. “Acho que a bisa ficaria satisfeita por outra causa digna ter sido criada em sua homenagem.”

Dou um sorriso vivaz. “Sim, ela ficaria. Durante a maior parte, você se saiu muito bem, Jane—estou orgulhoso de você.”

Sua linda cabeça inclina. “Durante a maior parte?”

“Bem... houve uma única ocorrência, com o jornalista que me desagradou. Eu queria discutir isso com você.”

“O que houve?”

“Você poderia simplesmente deixar passar.”

Ela encolhe os ombros. “Mas eu estava certa. Ele estava errado. Agora ele sabe como se portar na próxima vez.”

Isso vai ser mais difícil do que eu pensava.

“Embora isso seja tecnicamente verdade, sua resposta a ele saiu como algo...”, eu agito a mão, procurando a palavra certa. “...soou como privilégio do título.”

Sua testa franze. “Mas eu tenho... o privilégio do título. Esse é o ponto, não é? Você sucedeu a Bisa e eu vou te suceder. Tenho

direito ao título, por nascimento. Isso é o que significa ser a herdeira."

Sorrio. Porque ela faz parecer tão simples.

"Você não seria a herdeira se seu tio não tivesse abdicado."

"Mas ele abdicou—como deveria ter feito. Ele não queria. Meus primos estão felizes por isso—eles também não queriam. Suponho. Porque eu não deveria agir assim?"

"Só porque você pode dizer algo, não significa que você deve. Você é a Princesa da Coroa—sua atitude reflete em todos nós. Você deve se comportar," engasgo com a próxima palavra, "…*adequadamente*."

Então, olho para o teto e me preparo para o raio que seguramente descerá do céu e acertará bem na minha bunda. Por que… é irônico.

Quando ela não contesta, eu continuo.

"Você deve ser humilde, Jane. Mostrar gratidão."

Minha filha zomba. "Por que um jornalista merece *minha* gratidão?"

"Ele merece o seu respeito. Todos merecem—são nossos súditos, nossos cidadãos."

Ela revira os olhos. *Insolente*—e não de um jeito bonitinho.

"Eu também costumava pensar que não precisava da imprensa, e estava errado. Quando chegar o seu dia, isso será muito mais fácil para você se a imprensa e as pessoas estiverem ao seu lado."

E agora ela resmunga contrariada cruzando os braços.

Quando nossos filhos eram pequenos, Sarah e eu decidimos contra as palmadas, não era dessa forma que queríamos educá-los. Agora estou pensando que esse foi o nosso maior erro em relação à Jane—ela tem muito da minha teimosia petulante.

Provavelmente deveríamos ter dado algumas palmadinhas nela, pouca coisa.

"Você está fazendo uma tempestade num copo de água, pai."

Eu aponto para ela. "O fato de você pensar assim é exatamente o que me preocupa."

"O povo não terá outro lado para estar, somente o meu. Quando eu for rainha, eles terão que gostar ou, no que me diz respeito, podem se irritar a vontade."

Uau. Puta merda—*uau*.

Fico embasbacado com ela.

Isto é como Obi-Wan[1] deve ter sentido quando Anakin[2] se virou para a porra do lado negro.

"Eles poderiam protestar contra você. Lutar para derrubar você."

Ela acena sua mão. "As revoluções não são mais bem-sucedidas."

Minha voz se eleva, com frustração e também preocupação. Por minha querida filha que acha que sabe tudo, quando na realidade sabe tão pouco.

---

[1] O lendário Mestre Jedi Obi-Wan Kenobi é um homem nobre e dotado de especial habilidade nos caminhos da Força. Ele treina Anakin Skywalker, serve como general no Exército da República durante as Guerras Clônicas e guia Luke Skywalker como mentor.

[2] Descoberto por Qui-Gon Jinn e Obi-Wan Kenobi quando era escravo em Tatooine, Anakin Skywalker tinha o potencial de se tornar um dos mais poderosos Jedi de todos os tempos. Alguns acreditavam que ele era o Escolhido da profecia, aquele que traria equilíbrio à Força. Herói das Guerras Clônicas, Anakin era gentil e compassivo, mas seu medo de perda acabaria se tornando sua ruína e o transformaria em Darth Vader.

“Bem sucedida ou não, por que você quer governar um povo pode se rebelar abertamente contra você? Que raio de ideia é essa?”

Ela encolhe os ombros novamente. “Eu terei o exército ao meu lado. Eles vão seguir as minhas ordens e serei inteligente o suficiente para interromper qualquer rebelião antes que comece.”

Que belo monstrinho ela parece.

“E isso, querida, é chamado de ditadura. Isso nunca acaba bem. Para ninguém.”

Minha mão esfrega meu rosto e respiro fundo.

“O fato de você ser a única escolha do povo é também a única razão para que veja esta posição como uma honra. Um serviço. Um dever sagrado, Jane.”

Suas feições suavizam, mudando de teimosia para reflexão. E eu acho que talvez—apenas talvez—estou conseguindo fazer com que ela pense melhor.

“Há uma relação de confiança entre o governo e seu povo. Um acordo. Nós os governamos, porque eles nos permitem. E isso depende da monarquia colocando o bem-estar das pessoas acima de tudo—acima de nós mesmos. O bem do país deve sempre vir em primeiro lugar. O dia em que você esquecer isso, será o dia em que deixará de merecer usar a Coroa—esse direito será condenado.”

Às vezes, também posso me fazer soar com a vovó.

Jane retira seu telefone do bolso e começa a digitar rapidamente.

“O que você está fazendo?”

“Estou escrevendo isto. É um excelente conselho.”

A tensão em meus ombros começa a diminuir. Até...

“Quero ter certeza que meu biógrafo inclua isso.”

Oh, pelo amor de Deus. Porra.

“Jane...”

“Não—eu entendo. Você está certo. Farei o melhor. Vou levar tudo isso para o coração, pai.” Ela me dá um sorriso adorável e charmoso. “Tenho muita sorte de você ser tão sábio.”

Agora eu rolo meus olhos. “Não seja presunçosa. Eu fui por um bom tempo presunçoso com a melhor, antes de você sequer estar perto de nascer.”

Ela acena docemente. “Claro, você foi—entendi.” Ela guarda seu telefone. “Tem mais alguma coisa? Este final de semana vou para Mônaco com Sasha e Mellie. Preciso me encontrar com elas e não quero me atrasar.”

“Não.” Eu suspiro. “Por agora, isso é tudo. Você quer que eu informe aos seguranças para acompanhá-las a paisana?”

Sua pequena testa franze. “Por quê?”

“Circular em público será mais fácil, se não for tão óbvio que você é quem você é.”

Jane parece genuinamente confusa. “Mas, eu gosto de ser quem sou. Por que eu iria querer fingir ser outra pessoa?”

Belisco a ponta do meu nariz. “Dê uma olhada nos livros de história—reis que gostavam de estar em evidencia, não são lembrados gentilmente. E há uma razão para isso.”

Lentamente ela acena, fingindo concordar comigo.

Eu também inventei isso.

“Estou tão feliz que tivemos esta conversa, pai.”

Em seguida, ela se levanta, dá a volta na mesa, me abraça e beija minha bochecha. “Eu te amo.”

Retribuo sem abraço, desejando que ela fosse novamente apenas uma menininha—quando tudo era muito mais fácil.

“Eu também te amo, Janey. Comporte-se e tenha cuidado.”

“Eu vou.” Ela se levanta e dá um tapinha no meu ombro. “Nós vamos conversar novamente em breve.”

E eu quero bater minha testa contra a mesa.

Em vez disso, após a menina dos meus olhos sair da sala e fechar a porta atrás dela, giro em minha cadeira para encarar a pintura da vovó. Uma sobrancelha parace mais elevada que antes e seu sorriso mais satisfeito.

“Você está gostando disso, não é?” Pergunto.

E quase posso ouvir sua resposta.

Não é tão fácil, não é, meu filho?

“Vá em frente, sorria.” Levanto a minha xícara de chá, brindando em sua homenagem. “Pode gargalhar à vontade.”

* * *

Na próxima vez que olho para os documentos em minha mesa, já está escuro lá fora—quase nove horas. A maioria dos dias, faço questão de jantar com Sarah e nossos filhos que não estão no internato. Mas quando não posso, Sarah me aguarda para que possamos jantar juntos.

Encerro o trabalho, passo pela mesa e desejo uma noite agradável ao meu secretário pessoal, o velho Christopher, e saio para encontrar minha esposa. Neste momento da noite, não preciso procurar muito—existe apenas um lugar onde ela poderia estar.

Escuto suas vozes antes de chegar à porta do berçário, e os cantos da minha boca estão automaticamente puxados com o melhor sorriso.

“... e então James voltou para o pegajoso pêssego gigante, pronto para visitar mais lugares incríveis e ver mais coisas extraordinárias.”

O ruído de um livro se fechando ecoa, antes de uma voz infantil reclamar.

“Espere! Você não pode parar por aí—eu tenho que saber o que acontece.”

“Esse é o fim do capítulo, Gilly,” diz Sarah com seu tom suave. “Você vai descobrir o que aconteceu apenas amanhã no próximo capítulo.”

Gilbert, nosso filho mais novo, completará seis anos em duas semanas. Se Jane foi nosso bebê lua de mel—bem... sendo bem sincero, um pouco antes da lua de mel—Gil foi nossa surpresa. Sarah tinha quarenta e três anos quando deu à luz a ele, embora o médico dissesse que ela tinha o útero de uma mulher de vinte e um anos de idade. Jane, que tinha quatorze anos na época, e Edward, nosso segundo filho mais velho e um ano mais novo que ela, ficaram mortificados com a notícia de que outro irmão estava a caminho. Os dois ingratos nos chamaram de aberrações da natureza. Enquanto suas irmãs pequenas, a silenciosa Margaret e a feliz Isabel, com dez e oito anos na época, nem tinha noção do motivo de toda a confusão.

E sim, fiquei tão orgulhoso quanto um pavão viril, por engravidar minha linda esposa tão perto de meia-idade. Descobrimos que a última gravidez foi mais fácil para Sarah—ela não teve enjoo matinal, teve mais energia em vez de menos e um desejo sexual *insaciável*... e lógico, que fiquei em êxtase com essa parte, também.

Chego à porta, justo a tempo de ver meu filho se jogar dramaticamente no tapete branco, com os braços abertos e cabelos loiros ondulados e selvagens.

“Amanhã vai demorar tanto tempo! Eu não posso esperar!”

Isso soa familiar.

Gilbert puxou a mim mais que qualquer outro filho—enérgico, indisciplinado—um osso duro de roer. Mas ele é a nossa alegria. Todos são.

Quando não estão ocupados nos dando enxaquecas.

"Por favor, mamãe. Mais um capítulo... por favoooor."

Quando Sarah suspira, eu sei que ela está prestes a ceder. E não sou o único a perceber.

"Príncipe Gilbert, não importune sua pobre mãe. Ou implore, ou lamente. Está abaixo de você." A babá Alice entra em cena saindo do quarto ao lado, com seu rosto severo e sotaque acentuado. "Você tem uma lição no início da manhã." Ela aplaude de forma rápida e afiada. "Para cama, agora."

Todo o rosto de Gilbert se tranforma em uma careta—e é realmente adorável.

"Babá! Ela ia dizer sim!" Ele agita sua mão, com o polegar e o dedo indicador juntos. "Ela estava tão perto e você arruinou isso."

Os lábios da Babá Alice franzem amargamente. "Sua mamãe tem um fraquinho por você—e é por isso que eles me mantem por perto—porque não gosto de você nem um pouquinho."

Gilbert ri como se fosse à coisa mais estúpida que já ouviu. Babá Alice o adora e ele sabe disso, mas felizmente para nós, ela não deixa o nanico da ninhada se safar de qualquer coisa.

Quando Gil sobe em sua cama, eu entro no quarto.

"Vossa majestade." A babá rapidamente faz sua reverência.

Eu aceno. "Obrigado, Alice."

Ela diminui as luzes antes de sair e nos deseja boa noite Deslizo minha mão ao longo das costas de Sarah e nos aproximamos da cama.

Piscando para nós, Gilbert boceja. “Podemos plantar uma árvore de pêssego?”

Ouço o sorriso na voz de Sarah. “Sim, nós podemos. Eu sei exatamente o lugar perfeito.”

“Papai, nós podemos jogar rugby amanhã? Eu tenho praticado e eu quero te mostrar.”

Passo meus dedos por seu cabelo louco. Nosso pequeno selvagem.

“Vou pedir a babá Alice que te leve ao meu escritório depois da lição da manhã, para que possamos ir ao pátio jogar um pouco.”

Ele boceja novamente, mais desta vez um pouco mais demorado.

“Eu realmente gosto da história do pêssego gigante, você acha que eu poderia escrever uma história assim?”

Sarah se inclina sobre o nosso menino e sussurra. “Você pode fazer o que quiser, qualquer coisa que sonhar. Desde que seja generoso, honesto e trabalhe duro para isso.” Ela acaricia sua testa e beija suas bochechas, roçando o nariz contra o dele. “Boa noite, meu amorzinho.”

E, em seguida, é a minha vez.

“Durma bem, rapazinho. Nós te amamos.”

Ele rola para o lado, acomodando sua cabeça no travisseiro.

E com meu braço sobre os ombros de Sarah, passamos pela porta, seguindo juntos pelo longo e interminável corredor em direção ao nosso quarto.

* * *

É uma noite leve e traquila para jantar na varanda, sob o céu negro salpicado de estrelas cintilantes, em uma mesa com porcelana para dois. Desta vez, sozinho com Sarah—é a melhor parte do meu dia, todos os dias—ponto final.

A luz das velas dança em seu rosto fazendo sombras suavemente alaranjadas, e isso me surpreende não só por quanto ela continua bonita—mas em como permanece exatamente a mesma. Em como conseguiu preservar a mesma força silenciosa e inocência esperançosa que sempre teve apesar do mundo político desagradável e traiçoeiro em que ela convive.

Após jantarmos, falo sobre minha conversa com Jane, esfregando minhas têmporas enquanto narro tudo.

“Ela falou em círculos comigo, eu juro. Isso é quase castrador.”

Sarah ri e me dá “o olhar”—aquele que eu amo. Um pequeno sorriso com um aceno suave de sua cabeça.

“Ela fala em círculos com você, porque você permite. Porque, no fundo, você está tão encantado com a inteligência dela—em como ela pode ser teimosa, forte e perspicaz, exatamente como sua avó. E você simplesmente adora ela possuir tudo isso.”

Resmungo ao ser chamado a atenção. Então, olho para o guardanapo amassado na mesa.

“Ela está mimada, Sarah.” Confesso em um sussurro. “Não ao ponto de não ter retorno, mas...”

Minha esposa balança a cabeça e endireita as costas.

“Jane nasceu abençoada—linda, inteligente. Ela foi criada em luxo e privilégio por uma família que a ama completamente. Ela nunca conheceu dificuldades ou tragédia. Ela foi tratada com deferência por todos ao seu redor—e ela tem mais poder que qualquer jovem de dezenove anos de idade deveria ter. Eu ficaria surpresa se ela não estivesse um pouco mimada.”

“Mas não estamos criando apenas uma filha! Estamos criando uma rainha, e hoje percebi que talvez não estejamos fazendo um bom trabalho,” digo miseravelmente. “Eu não tinha noção de como seria... difícil. Uma corda bamba. E agora tenho um novo nível de respeito por vovó, porque Deus sabe que Nicholas e eu não facilitamos as coisas para ela.”

Sarah fica pensativa enquanto brinca com a borda de sua taça de vinho. “Acho que esse tipo de tarefa, não é algo que se espera ser fácil. Nós sempre tentamos protegê-los das mais severas realidades da vida. Jane sabe logicamente que ela é mais afortunada que a maioria das pessoas no mundo. Mas há uma diferença entre saber e ver com seus próprios olhos. Para que realmente compreenda o sofrimento que outros experimentam no mundo e até mesmo em seu próprio país. Talvez, tenhamos a protegido demais. Sam e Elizabeth enviam seus filhos para missões de caridade todos os verões. Eles trabalham em todos os tipos de lugares... talvez seja hora de fazer o mesmo por Jane.”

Eu balanço minha cabeça. “Nossos filhos são diferentes. Eles são alvos—todos nós somos—aprendemos da maneira mais difícil, anos atrás.”

“Eu não esqueci.”

“Eu não gosto da ideia deles por aí, expostos ao perigo. Desnecessariamente.”

Sarah inclina a cabeça, olhando para mim. “Mas você sempre esteve seguro, mesmo se expondo.”

“Não é o mesmo.”

“Mas, agora, é o mesmo. Um dia, Jane será como você—ela vai sentar onde você sentou, será confrontada com os mesmos julgamentos e escolhas que você enfrentou. Seria cruel e perigoso não prepará-la para isso. Temos sorte que ela ainda mora aqui com a gente—que ela está apenas em seu primeiro ano na Universidade. Mas o tempo em que ela estará fora no nosso alcance está chegando rapidamente, Henry. Suas opiniões serão

estabelecidas e não seremos mais capazes de influenciá-la. Se existe alguma esperança de que possamos modificar alguns dos seus conceitos, receio que precise ser feito agora... ou nunca."

Esfrego minha nuca e olho para minha esposa por alguns instantes.

"Você está certa." Dou um sorriso e balanço a cabeça. "Claro, você está certa. Você sempre foi a mais corajosa."

Ela sorri suavemente. Recordando. "Nem sempre."

Sarah se estende na mesa em busca da minha mão, e lhe entredo sem hesitação. "Mas você manteve sua promessa. Você me manteve segura, para que eu pudesse ser corajosa. E não tenho nenhuma dúvida de que fará o mesmo por nossa filha." Ela aperta minha mão. "Eu não tenho nenhuma descrença em você, Henry."

Mais uma vez em muitos, eu olho para o rosto lindo de Sarah, na confiança absoluta e incondicional em seus olhos escuros... e sei lá no fundo que estaria fodido e totalmente perdido sem ela. Eu não seria nada. Menos que insgnificante.

Inclinado para frente, levo sua pequena mão aos meus lábios. Em seguida, as seguro entre as minhas. "Vou ligar para o Sam pela manhã."

* * *



Sarah

“Mas por que temos tantos?”

A voz de Henry me alcança do banheiro onde ele acabou de terminar seu banho—uma extensão mais leve da conversa que iniciamos durante o jantar. Sento em frente a penteadeira, sem meus óculos, espalhando um hidratante em meu rosto e vestindo uma camisola de seda rosa e marfim.

Meu marido entra no quarto com uma nuvem de vapor flutuando atrás dele, esfregando uma toalha sobre seus ombros largos e cabelo molhada, completamente nu. Não existe qualquer preocupação que a equipe entre em nosso quarto sem um aviso prévio. Isso foi cortado pela raiz durante as primeiras semanas do nosso casamento—quando o criado de Henry entrou em um dos nossos... ardorosos... momentos.

Henry achou a coisa toda hilariante—mas eu não conseguia olhar o pobre homem na cara por um mês. Então, meu marido instruiu rigorosamente toda a equipe em não entrar em nosso quarto sem bater, a qualquer hora do dia, a menos que o palácio estivesse ardendo em chamas.

Existe um aposento destinado à rainha, bem próximo ao nosso quarto, mas nunca foi usado. Como se fosse possível o Henry me deixar dormir em qualquer lugar, que não fosse ao seu lado, ou como se eu quisesse algo diferente. Às vezes, ainda não consigo acreditar que tudo é realmente real—e que essa é a minha vida. O mais maravilhoso e perfeito felizes para sempre.

“Você quer me dizer, por que pensamos que ter cinco de alguma forma seria uma boa ideia? Não me lembro de ter essa conversa. Não é?”

Olho por cima do ombro, meus olhos se arrastam dos dedos de seus pés até seus verdes olhos selvagens. Henry foi coroado aos quarenta anos— um jovem rei para qualquer padrão. Ele completará cinquenta neste verão, e as festas mais grandiosas já estão previstas para celebrar a ocasião. Mas, além do espetáculo sexy de cinza claro que se junta aos cabelos loiros em seu peito, ele ainda é forte e definido em todos os lugares que um homem deve ser.

Eu sou uma garota muito sortuda.

“Acho que qualquer conversa tenha nada a ver com isso.” Minha voz se torna mais sensual quando olho para ele. “Foi mais... como você... sempre me corrompeu com seus maus caminhos.”

Ele percebe minha avaliação e seus olhos escurecem. Ele joga a toalha de lado e se aproxima de mim com um sorriso pervertido tomando posse da sua boca.

“Não é assim que me lembro.” Henry se inclina, atrás da minha cadeira, puxando a alça da minha camisola do meu ombro e beijando o local agora à mostra. Em seguida, ele pontua cada palavra com outro beijo quente, subindo em direção ao meu pescoço. “Eu acho que você sempre foi muito gostosa para o seu próprio bem, amor.”

Ele arrasta seu nariz, ao longo da minha orelha e de volta ao pescoço, me dando arrepios com sua respiração. “Mmm, você tem um cheiro delicioso.”

Então, seus olhos ardentes encontram os meus no espelho. “Cristo, olhe para você.”

Dou um gemido e cubro meu rosto. “Uh, por favor, não.” Abaixo minhas mãos e me viro para ele na cadeira. “Sabe aquelas rugas que costumava contornar meus olhos quando eu sorria? Percebi outro dia, que agora elas estão lá o tempo todo. Estou tão velha.”

Ele faz um som completamente revoltado e me levanta da cadeira. “Isso é o topo na escala do absurdo.” Com seus braços ao meu redor, ele se inclina para trás e me encara.

“Você continua tão bonita como no dia em que a vi pela primeira vez naquele pub.” Ele ri. “Quando você colocou seu livro na minha cara e me disse para sentir o cheiro.”

Sorrio, pressionando minha testa em seu peito. “Você faz parecer pervertido.”

Sinto seus lábios no topo da minha cabeça. “Eu gosto de pensar que era algo pervertido. O melhor tipo de preliminares. Sem dúvida, me fisgou.”

Henry passa as mãos pelo meu cabelo, recostando-se de novo, olhando para mim com adoração. “Mas quer saber—estou errado. Você não continua tão bonita quanto naquele dia. Agora, você está ainda mais deslumbrante.”

Ele beija a ponta do meu nariz.

“Mais bonita que quando eu tinha vinte e cinco?” Pergunto, em dúvida.

“Ah, com certeza.” Henry suspira e escova meu cabelo para trás. “Você agora é uma mulher.” Seu dedo acaricia meu maxilar. “Uma mãe incrível, um ativista...”

Olho para longe, corando, mas Henry me persegue com o olhar.

“... uma rainha amada.”

Meus olhos voltam para os dele e seus dedos amorosos acariciam meu rosto.

Sua voz está baixa, rouca com sinceridade suave. “Ver você se tornar quem você é tem sido o maior privilégio em toda a minha vida, Sarah.”

A mais doce ternura invade minha garganta.

“Você é um rei.” brinco. “Tenho certeza de que esse é o maior privilégio.”

“Não” Henry balança a cabeça, beijando o interior do meu pulso, onde seu nome está gravado sob minha pele. “Não. Ainda há mais que isso.”

E a emoção, o amor profundo e abrangente que sinto por este homem—meu maravilhoso e precioso marido—meu querido e incrível rei, expande em minha alma e traz lágrimas aos meus olhos.

Eu me desmancho contra ele com um suspiro. “Oh, Henry.”

Ele inclina a cabeça e pega a minha boca em um beijo cheio de paixão e necessidade. Sinto seus braços cercarem os meus quadris, me puxando para mais perto. Minhas mãos deslizam sobre seus ombros e meu cabelo cai ao nosso redor, nos envolvendo em um mundo mágico onde somente nós dois existimos, e nada mais pode nos alcançar. E saboreamos profundamente um ao outro, em um beijo com a alegria da primeira vez e a urgência desesperada do último.

Alguns minutos depois, deslizo meus lábios sobre o maxilar perfeitamente barbeado, até acariciar sua orelha.

E sussurro. “Foi exatamente assim que Gilbert chegou aqui. Eu lhe disse que tudo é culpa sua.”

Henry ri no meu pescoço, diabólico e obstinado como sempre. E então ele me leva para a cama.

O fim... por agora

